

# Ulysses libera Sarney e livra PMDB

Deputado confidenciou a amigos que Partido se desamarra do Governo



Para Scalco, vice de Covas, progressistas do PMDB devem se afastar do Governo

## MUP pede racha antes que históricos façam

O Movimento de Unidade Progressista (MUP) reuniu todos os seus integrantes no dia 7 de janeiro, em Brasília, em preparação ao encontro dos peemedebistas históricos, marcado para o dia 9 do mesmo mês. A palavra de ordem do grupo é acelerar o processo de divisão de partido, tese que ganhou ainda mais força após a queda do ministro Bresser Pereira.

A declaração do vice-líder do PMDB na Constituinte, deputado Euclides Scalco, imediatamente após a saída do ministro da Fazenda, não deixa dúvidas sobre a disposição dos progressistas do partido: "Nós não temos porque permanecer no Governo, o PMDB deve deixar o Governo".

Ao defender o seu ponto de vista, Scalco, um homem ligado ao senador Mário Covas, estava, também, traduzindo o pensamento de todos os progressistas do partido, inconformados com a adesão de um grande número de peemedebistas, cerca de 130, ao Centrão.

A votação da mudança do Regimento Interno da Assembleia Nacional Constituinte, quando o líder do PMDB, Mário Covas, foi derrotado pelo grupo conservador com votos de peemedebistas, segundo o deputado Egidio Ferreira Lima, marcou, indubitavelmente, a divisão dentro do PMDB, mas, também, deflagrou o processo de recuperação do partido, que, segundo ele, deve retornar ao seu leito social-democrata.

O deputado Nelson Friedrich, um dos coordenadores do MUP, disse ontem, em entrevista ao **CORREIO BRAZILIENSE**, que "está crescendo muito, entre os progressistas do PMDB (leia-se, principalmente, Mário Covas e Fernando Henrique Cardoso) a disposição de acelerar a divisão dentro do partido, até porque não é mais possível mantê-lo como uma frente".

O Movimento de Unidade Progressista, que se reunirá no próximo dia 7, pretende, durante o encontro dos históricos, pedir a convocação

de uma Convenção ou de um Congresso extraordinário do PMDB, porque "não se pode permitir que o partido continue nas mãos dos **sarneysistas** — Saulo Ramos e Prisco Viana não podem continuar falando pelo PMDB".

A Nelson Friedrich, e a um setor do MUP, interessa também discutir não apenas a retomada do PMDB, mas também a possibilidade de formação de um novo partido.

Sobre a queda de Bresser, Nelson Friedrich concorda que a saída do ministro da Fazenda agravou a crise entre o PMDB e o Governo, mas observou que "o problema não é de nomes — o problema é o Governo, a indefinição do Governo".

Segundo ele, os ministros da Fazenda "não conseguem controlar nem mesmo a família do Presidente da República, a corte familiar". O ministro Bresser Pereira admitiu, "tinha iniciativas positivas, mas elas esbarravam na falta de iniciativa do Governo".

Antes de embarcar para Nova Iorque, em uma reunião em sua casa na qual se encontravam alguns intimos, o presidente do PMDB, Ulysses Guimarães, não apenas decidiu liberar o Presidente da República para nomear o novo ministro da Fazenda, como afirmou que "começam a se soltar as amarras que prendiam o nosso partido ao Governo".

Na avaliação que fez com esses amigos de sua intimidade, o presidente do PMDB mostrou-se preocupado com a inquietação em seu partido, que deve aumentar em razão da queda de Bresser Pereira, mantendo a posição de que a realização de uma Convenção Nacional é inconveniente enquanto não se promulgar a nova Carta constitucional.

### PRIORIDADE UM

O deputado paulista avaliou o movimento que faz o grupo histórico dentro do PMDB, numa reação ao ingresso de 130 peemedebistas no grupo conservador **Centrão**, mas acentuou que é inconveniente a convocação de uma Convenção Nacional extraordinária para fevereiro, quando o trabalho constituinte estará em pleno curso.

Na avaliação que fez do processo político, ele lembrou a gravidade do momento que vive o País, acossado por uma crise econômico-social sem precedentes, enquanto a transição sofre seus riscos próprios de uma situação em que a marca principal é a

### Fogaça quer ir às últimas consequências

Rio — O senador José Fogaça (PMDB/RS) defendeu, ontem, no Rio, o aprofundamento da luta política interna dentro do partido até as últimas consequências:

"A situação hoje, dentro do PMDB, não se reduz a números ou quantidade de grupos que se formam. Mas é essencialmente ideológica — sustentou, defendendo uma rigorosa triagem que afaste da legenda os parlamentares que não se afinam com o programa do partido.

Num tom incisivo, Fogaça acha que se não for possível aos peemedebistas históricos fazer prevalecer a sua política, a melhor saída seria a formação de um outro partido.

ordem jurídica remanescente da ditadura, uma vez que a Constituinte ainda não tem data para promulgar a nova Constituição.

— Ou Convenção ou Constituição. As duas coisas não podem conviver — dizia Ulysses, comentando a decisão do grupo histórico de convocar uma Convenção Nacional extraordinária para fevereiro, a fim de reafirmar os compromissos programáticos do partido.

Como considera que o mais urgente no Brasil hoje é promulgar a nova Constituição, concluindo o trabalho de montagem da nova estrutura jurídica e afastando ameaças de interrupção do processo de redemocratização, o presidente do PMDB anunciou que vai se empenhar contra a convocação de Convenção Nacional agora.

### ROMPIMENTO

O presidente do PMDB mostra-se convencido de que o PMDB se afasta progressivamente do Governo Sarney, a partir da demissão de Bresser Pereira. Mas, seus amigos não acreditam que ele trabalhe, por enquanto, em favor do rompimento, quando parcela respeitável de governadores, à frente Orestes Quêrcia, mantém excelentes relações com o Planalto.

Como bom equilibrista, o presidente do PMDB vai manter posição de magistrado em face das duas correntes que se digladiam dentro do partido — a moderada, que simpatiza com

os cinco anos para Sarney, e a histórica, que defende o desengajamento do partido com o Governo, a fim de que seja possível reafirmar os compromissos programáticos e disputar a Presidência da República, ainda em 88, com chances de vitória.

— O Ulysses vai ruminar — disse um dos seus amigos — mas advertido de que as relações entre grande parte do PMDB e o Governo poderão chegar a grandes turbulências até março ou abril.

O grupo de amigos de Ulysses acha que Sarney também se sente aliviado com esse distanciamento do PMDB. O atual presidente, segundo um dos políticos a ele ligados, "quer o apoio de peemedebistas, não do PMDB". Isso significa que Sarney deve promover "oportunamente" uma reforma ministerial para consolidar seus laços de ligação política com os que estão dispostos, dentro do **Centrão**, a lutar pelos cinco anos de mandato.

As relações do Presidente com os representantes da ala ortodoxa do PMDB, como Renato Archer, da Previdência e Luiz Henrique, da Ciência e Tecnologia — devem esfriar nos próximos meses. Se a reação dos históricos à demissão de Bresser for tão violenta como esperam Ulysses e alguns políticos a ele ligados, Sarney poderá apressar uma reformulação ministerial para que seu Governo reflita sua nova base parlamentar.

### Bispos voltam a atacar o Centrão

A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) voltou a disparar ontem um dos seus torpedos prediletos contra o **Centrão**: o boletim de imprensa da entidade, que coloca uma eventual vitória do grupo no plenário da Constituinte, eliminando conquistas dos trabalhadores, como uma prova definitiva de que "o modelo concentrador e excludente de crescimento econômico não foi alterado e de que, portanto, a transição não mudou substancialmente nada no cotidiano do trabalhador, do aposentado, do posseiro, do pescador, do pobre".

— Pior será se o **Centrão** — integrado, aliás, majoritariamente, por constituintes ligados ao regime anterior — decida continuar a obstrução que vem fazendo (com sua ausência do plenário), o que poderia impedir a realização das eleições em 1988. Ai sim, já estaremos claramente diante de ameaças à própria normalidade institucional —

destaca a CNBB, ressaltando, porém, que outra hipótese de explicação da conjuntura seria a de que a transição não esteja encerrada, o que admitiria a possibilidade de bloqueio à ação do **Centrão**.

Ensina a CNBB, que "para tanto será necessário, primeiramente, um processo rápido e profundo de reestruturação do quadro partidário, porque, na verdade, o que o **Centrão** demonstra é a fragilidade das estruturas partidárias surgidas — em muitos casos artificial e oportunisticamente, — na etapa final do regime autoritário". A entidade reconhece que essa é uma "condição difícil, mas não impossível" e defende a mobilização popular — "sem violência, sem desrespeito, mas com firmeza" —, "a exemplo do que estão fazendo algumas dioceses".

— Apenas que os representantes do povo se definam, que exponham claramente seus votos, que assumam suas posições.



Cauteloso, Lourenço não critica o pacote. Ainda

## PFL, Executiva e bancada não se afinam, diz líder

O líder do PFL, deputado José Lourenço, admitiu ontem que a executiva de seu partido está defasada em termos de reproduzir o pensamento da maioria da bancada no Congresso, daí ter expressado em nota oficial repúdio a pacotes fiscais feitos por Decreto-lei ou que taxem os assalariados. Por esta razão, ele acredita que deve aguardar as novas medidas do Governo no campo econômico antes de tomar posição preconcebida contra as mesmas.

Aliás, não foi apenas a este respeito que o líder pefelista defendeu uma postura mais flexível. Na sua opinião, se forem confirmadas as retaliações dos Estados Unidos aos produtos brasileiros em função da reserva de mercado da informática, também admite uma revisão nesta determinação. Para isso, lembrou que enquanto o Brasil representa 1% do mercado externo dos EUA, eles são 30% da exportação brasileira.

O líder do PFL assinalou que, se as propostas do Governo forem racionais, não há como ficar contra, porque o País precisa ser viabilizado ainda que para isso sejam necessárias medidas impopulares. Temos também de ser racionais, sem proteger um setor em detrimento de outro, prosseguiu, juntando na análise não só as medidas econômicas como as alterações na reserva de mercado.

### MAILSON: UM BOM NOME

O deputado José Lourenço defendeu ontem a manu-

tenção do ministro interino da Fazenda, Mailson Nóbrega, como titular do cargo, achando que talvez ele possa dar uma contribuição mais efetiva na solução dos problemas do País, na medida em que é um burocrata de carreira com ampla vivência no campo econômico.

Todavia, negou-se a analisar a possibilidade do **Centrão** vir a pressionar o presidente José Sarney para fazer o novo Ministro. "Eu falo como líder do PFL, não pelo **Centrão**", argumentou José Lourenço, para reconhecer contudo que o Presidente deve construir seu Governo mantendo a identidade de sua maioria parlamentar e que seja reflexo dela.

A partir daí, preferiu analtecer as qualificações de Mailson Nóbrega para a pasta da Fazenda. Ele acha que o economista parabaiano "pela sua experiência, não fará coisas como os Beluzzos (Gonzaga Beluzzo, um dos pais do Cruzado) nem João Manuel Cardoso (ex-assessor de Dilton Funaro) que voltaram para a cátedra, porque a teoria é muito diferente da prática. E coitado dos alunos" — comentou ainda o líder pefelista.

Para o líder do PFL, a saída do ministro Bresser Pereira não traz qualquer alteração no quadro já delineado a respeito do tamanho do mandato presidencial. Quem era por quatro anos continua com esta posição, igual a quem defendeu os cinco anos — concluiu.